

Nota prévia

Em 1995, saiu a primeira, e longamente única, edição deste pequeno livro, pela mão de Manuel Hermínio Monteiro, na Assírio & Alvim, sendo o primeiro de uma série que fui publicando naquela excelente casa editora até à sua morte, em 2001. Esgotado em pouco tempo, só voltaria a ser reeditado em Itália, já em 2006, de novo numa pequena editora de Roma, graças ao empenho entusiasta de Simona Cresci e de Marco Fioramanti — Amigos a quem quero também aqui agradecer —, que tendo lido o livro me propuseram editá-lo na Jouvence.

Esperavam eles que eu lhes trouxesse alguma sugestão para uma breve introdução que pudesse fazer a ponte com os leitores italianos, que não tinham nenhuma ideia acerca do meu trabalho. Não conhecendo pessoalmente nenhum outro autor italiano além de António Tabucchi, ganhei coragem para lhe falar, pedindo-lhe que escrevesse uma pequena nota introdutória que pudesse servir de passaporte para essa discreta entrada do meu livro em Itália. Admirando-o embora como seu leitor, conhecia-o mal, e sobretudo por uma rede de amigos comuns que partilhávamos: António Dacosta, Cruzeiro Seixas e alguns mais.

Surpreendeu-me, logo nessa primeira aproximação tímida com que o procurei, a imensa generosidade com que de imediato acolheu o projecto, oferecendo-se não só para o prefaciá-lo como também para vigiar a sua tradução para o italiano. E esta, assinada pela mão rigorosa de Cecilia Pero, que ele mesmo in-

dicou, foi seguida pelo António com a vigilante atenção de um Amigo de longa data.

Quando recebi o seu *Prefácio*, senti-me profundamente feliz. Ainda hoje creio que não merecia o texto, tão gentil e generoso quanto o era ele mesmo e como pude, depois, constatar.

Nesta reedição, decidi pedir à Maria José Lencastre, sua companheira de vida, autorização para voltar a publicar o texto, o que imediatamente me foi concedido com a mesma generosidade, e aqui o registo com sentido agradecimento. Quero, pois, que esta nova edição portuguesa constitua também uma homenagem a esse grande Escritor para com quem fiquei, para sempre, preso por uma dívida de gratidão.

Optei por acrescentar, nesta, o *Post-scriptum* que escrevi para a edição italiana. Além disso, a presente edição segue muito fielmente a primeira, uma vez que, passados embora quase vinte anos sobre aquela, me revejo integralmente em quanto, então, escrevi.

Antecâmara

Seria impossível de dizer aqui, em poucas palavras, tudo quanto devo à fotografia e aos fotógrafos. Sei, porém, como e quanto lhes devo em tudo aquilo que, através das suas imagens, se tornou para mim motivo de uma insaciável curiosidade, senão mesmo de um desejo, que a partir delas se inscreveu subliminarmente no meu próprio modo de encaminhar o olhar: por um lado, para a realidade, por outro, para a realidade das imagens e, naturalmente, para as próprias imagens.

Lembrando isso, aos poucos e um tanto ao acaso foram ganhando forma, dentro de mim, estas reflexões que, na sua incerteza, na sua errância entre uma certa euforia e algum desencanto, também se pretendem uma homenagem.

A imagem de uma homenagem.

(Agosto/Setembro, 1995 — Agosto/Setembro, 2012).

N.B. — Propositadamente não incluí qualquer referência fotográfica ou bibliográfica expressa, senão em breves anotações entre parêntesis. Do mesmo modo, evitando o recurso a qualquer ilustração, tentei preservar a intenção “imagista” dos próprios escritos.



Imagem do outro

O que a fotografia veio inaugurar foi algo que se poderá designar, provisoriamente, como o lugar de emergência de uma nova subjectividade. Não tanto na perspectiva de fundar uma ontologia (Barthes) como antes na de descerrar um novo tipo ou modelo de subjectividade.

Explico-me: diante de uma fotografia, o sujeito ganha uma espécie de plenitude (de euforia) que decorre do facto de qualquer fotografia, sendo ela mesma objecto, operar de modo que tudo, nela — das figuras que representa até aos contrastes da cor ou do preto e do branco —, tenda para ganhar a consistência, o peso, o valor de um objecto. Tal é, de resto, a implacável lógica do *Museu Imaginário* de Malraux.

Numa palavra, a fotografia tende para objectivar. E é nesse horizonte de objectivação (mas não ainda de objectividade) que é possível assistir à referida emergência de uma subjectividade que, em função daquela — que não deixa de ser fictícia porque chega através de uma imagem —, começa a ganhar existência. Curiosamente, até no caso das imagens de nós mesmos esse processo de objectivação se processa. “Porque a Fotografia é o aparecimento de eu próprio como outro, uma dissociação artificiosa da consciência de identidade” (Barthes).

Quando nos fazemos fotografar (tal como quando se pratica o suicídio), é sempre um outro que é “apanhado”. Por isso podemos dizer que nesta ou naquela fotografia ficámos mal, como se essa